

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA

**Representações da Mulher Submissa e da Mulher Subversiva na Literatura Portuguesa:
Um Estudo de *Primo Basílio*, de Eça de Queiroz**

Pollyana Brito

Uberlândia
2025

Pollyana Silva Brito

**Representações da Mulher Submissa e da Mulher Subversiva na Literatura Portuguesa:
Um Estudo de *Primo Basílio*, de Eça de Queiroz**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Instituto de Letras e Linguística da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito parcial para
obtenção do título de licenciado em Letras -
Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura Portuguesa

Orientadora: Profa. Dra. Elzimar Fernanda Nunes
Ribeiro

Uberlândia

2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU com
dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

B862 Brito, Pollyana Silva, 2003-

2025 Representações da Mulher Submissa e da Mulher
Subversiva na Literatura Portuguesa [recurso
eletrônico]

: Um Estudo de Primo Basílio, de Eça de Queiroz /
Pollyana Silva Brito. - 2025.

Orientadora: Elzimar Fernanda Nunes
Ribeiro. Trabalho de Conclusão de Curso
(graduação) -

Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em
Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Modo de acesso: Internet.

Inclui bibliografia.

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2: Gizele

Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

Dedico essa pesquisa às mulheres cujas vozes foram silenciadas pela história e pela ficção. Para essas vozes femininas que se ocultam entre as linhas, que este estudo lhes restitua o espaço e a visibilidade que merecem.

AGRADECIMENTOS

A jornada da graduação foi repleta de desafios, aprendizados e, sobretudo, de pessoas que fizeram toda a diferença. Por isso, expresso aqui minha mais sincera gratidão.

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me sustentado, guiado e fortalecido nos momentos em que pensei em desistir. Sua presença foi meu alicerce.

Ao meu pai, pelo apoio incondicional, pelas palavras de encorajamento e por acreditar em mim mesmo quando eu duvidava. À minha mãe, pelo amor, pelo cuidado diário e por sempre estar presente com sua força silenciosa, mas essencial.

À minha orientadora, por toda dedicação, paciência e suas contribuições valiosas que tornaram este trabalho possível. Seus conselhos e ensinamentos que por vezes me ajudaram muito a traçar meu caminho, foram fundamentais para o meu crescimento acadêmico e pessoal.

Às minhas colegas de curso e grandes amigas Gabriela, Lara e Sofia, que tornaram essa caminhada mais leve, com companheirismo, risadas e apoio mútuo nos momentos difíceis.

A cada pessoa que, direta ou indiretamente, contribuiu para que eu chegasse até aqui, meus mais sinceros agradecimentos.

“Houve um tempo em que o divino tinha rosto de mulher, e nela se honrava a criação, o saber e o ciclo da vida. Depois, veio o esquecimento.”

— Merlin Stone, *Quando Deus Era Mulher*

RESUMO

A presente pesquisa investiga as representações da mulher submissa e da mulher subversiva no romance *O primo Basílio*, de Eça de Queiroz, sob a perspectiva da crítica social presente na obra e de referências mitológicas femininas. O estudo tem como objetivo principal compreender de que maneira as personagens Luísa e Leopoldina manifestam as contradições da sociedade portuguesa do século XIX, notadamente marcada por valores patriarcais. A metodologia empregada é de natureza qualitativa, com base em levantamento bibliográfico, e se fundamenta na mitocrítica, nos estudos de Mikhaïl Bakhtin acerca da figura do narrador e na sociologia da literatura de Antonio Cândido. A análise desenvolvida demonstra que a personagem Luísa encarna o arquétipo de Eva, sendo associada a características como fragilidade e submissão, ao passo que Leopoldina se aproxima da figura mitológica de Lilith, simbolizando autonomia e transgressão. A narrativa do romance explicita a opressão sofrida pelas mulheres por meio da atuação de um narrador com postura moralizadora, o qual direciona a leitura e contribui para o reforço de estereótipos de gênero. Conclui-se que a crítica social presente na obra, articulada aos elementos simbólicos e mitológicos identificados, revela a forma como a literatura de Eça de Queiroz problematiza as imposições sociais direcionadas ao universo feminino, propondo, ainda, uma reflexão com ressonâncias contemporâneas acerca das noções de identidade, desejo e poder.

Palavras-chave: Realismo, Eça de Queiroz, Mulher, Mitologia, Mitocrítica.

ABSTRACT

This research investigates the representations of submissive and subversive women in the novel *O primo Basílio*, by Eça de Queiroz, from the perspective of the social criticism present in the work and of feminine mythological references. The study's main objective is to understand how the characters Luísa and Leopoldina manifest the contradictions of 19th-century Portuguese society, notably marked by patriarchal values. The methodology used is qualitative in nature, based on a bibliographical survey, and is grounded in mythocriticism, Mikhail Bakhtin studies on the figure of the narrator, and Antonio Cândido sociology of literature. The analysis developed demonstrates that the character Luísa embodies the archetype of Eve, being associated with characteristics such as fragility and submission, while Leopoldina is similar to the mythological figure of Lilith, symbolizing autonomy and transgression. The narrative of the novel makes explicit the oppression suffered by women through the actions of a narrator with a moralizing stance, who directs the reading and contributes to the reinforcement of gender stereotypes. It is concluded that the social criticism present in the work, articulated with the symbolic and mythological elements identified, reveals the way in which Eça de Queiroz literature problematizes the social impositions directed at the female universe, also proposing a reflection with contemporary resonances about the notions of identity, desire and power.

Keywords: Realism, Eça de Queiroz, Woman, Mythology, Mythocriticism.

SUMÁRIO

1	9
2	Error! Bookmark not defined.2
3	199
4	1922
5	2429
REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

Eça de Queiroz destaca-se como um dos mais importantes escritores da literatura de Portugal, sendo amplamente reconhecido como um dos grandes nomes do Realismo. Através de suas produções literárias, Eça buscou refletir sobre a sociedade portuguesa da última parte do século XIX. Seus romances, sempre carregados de críticas sociais e descrições minuciosas de todas as classes da época “Para Eça, havia extrema necessidade de demonstrar ao público o quanto a arte realista se fazia diferente e superior às demais artes, sobretudo por retratar o homem em seu meio, com seus problemas verdadeiros e reais, ideal não aceito por literatos românticos” (Santos 2003, p.19). Abrindo um vasto caminho para uma nova forma de narrativa e perspectiva, onde a observação da realidade e a análise dos problemas sociais ocupam um papel principal em suas obras.

O pano de fundo histórico e social foi caracterizado por significativas transformações políticas, com a ascensão da burguesia e a contestação das estruturas tradicionais de poder. Ainda de acordo com Santos (2003) simplesmente criticando a sociedade burguesa, idealizada na hipocrisia humana – verificável em praticamente todas as suas produções literárias. Seguindo essa linha de raciocínio, o autor se sobressai devido à sua ousadia em retratar e criticar a hipocrisia, o conservadorismo e as desigualdades sociais presentes na sociedade portuguesa. Como observa Oscar Lopes (1996), a obra literária é um reflexo das tensões e contradições da sociedade em que é produzida. Suas obras, como *O crime do Padre Amaro* 1875, *O primo Basílio* 1878 e *Os Maias* 1888, são destacados exemplos dessa crítica, em que Eça revela as falhas em meio a essas contradições de uma sociedade em crise

A escolha do tema deste estudo é respaldada pela importância da obra de Eça de Queiroz no contexto literário e cultural, não apenas de Portugal, mas de toda a literatura ocidental. Seus escritos não só refletem as questões de sua época, como também provocam discussões que permanecem relevantes até hoje. É importante mencionar o Realismo, movimento do qual Eça de Queiroz foi um dos principais representantes, que marcou uma ruptura com as idealizações do Romantismo, resultando em uma literatura mais focada na veracidade social e na análise crítica da realidade.

A intenção deste estudo contempla investigar os principais aspectos da obra de Eça de Queiroz, compreendendo como seu estilo literário e sua visão crítica da sociedade contribuíram para a evolução do Realismo e para a literatura em geral. Por uma análise detalhada de suas principais obras e do contexto histórico em que foram produzidas, busca-se entender a

importância do autor como um dos grandes mestres da narrativa realista e sua influência duradoura na literatura.

Reconhecido por sua rica e extensa obra literária, Eça de Queiroz se destaca como um dos mais influentes escritores do Realismo em Portugal. Seu estilo inconfundível e sua capacidade de criticar a sociedade de seu tempo fazem dele uma figura central na literatura do século XIX. Para compreender plenamente o impacto de Eça, é essencial analisar tanto o contexto social em que viveu quanto as características específicas de sua escrita.

Portugal do final do século XIX fervilhava em transformação, marcado por eventos como a crise de 1890 e o ultimato inglês, que abalaram as estruturas sociais e políticas. A ascensão da burguesia e o declínio da aristocracia tradicional geraram tensões profundas, um cenário que Eça capturou com maestria em suas obras. Sua literatura serve como um espelho crítico de uma sociedade em transição, onde valores arraigados eram desafiados por novas ideologias e estilos de vida. Através de uma lente satírica, o autor expôs as hipocrisias, o moralismo e a corrupção que mediavam a sociedade portuguesa, oferecendo um retrato vívido e perspicaz de sua época. Obras como *Os Maias* e *O crime do padre Amaro* exemplificam a crítica social do escritor desvendando as contradições e os vícios da sociedade portuguesa com perfeição

Em obras como *O Crime do Padre Amaro* e *O primo Basílio*, o autor não apenas retrata as mazelas da sociedade portuguesa, mas também denuncia a hipocrisia e a moralidade duvidosa que transpõe as instituições religiosas e familiares da época. Segundo Óscar Lopes (1996) *O crime do padre Amaro* contém ingredientes de óbvia sátira anticlerical; mencionaremos os de maior extensão narrativa (omitindo pequenos efeitos calculados de grande escândalo) sendo uma crítica feroz à Igreja Católica, mostrando como a repressão sexual e a hipocrisia moral podem levar à tragédia. Já em *O primo Basílio*, o autor explora o adultério e as consequências devastadoras das convenções sociais impostas, abordando temas como o tédio da vida burguesa e a hipocrisia da moralidade pública.

Seu estilo é marcado por um Realismo detalhado, que se manifesta sob as lentes do autor, personagens e situações. Ele utiliza a ironia e o sarcasmo como ferramentas para destacar as contradições e falhas da sociedade. Além disso, a narrativa de Eça é rica em diálogos que capturam a fala coloquial, contribuindo para a verossimilhança dos personagens e para a crítica social. Seu olhar clínico sobre a realidade não se limita à superfície; investiga as motivações mais profundas e os conflitos internos de seus personagens, oferecendo ao leitor uma visão complexa e multifacetada da condição humana.

O Realismo, movimento literário do qual Eça de Queiroz foi um dos principais autores, surgiu como uma reação ao Idealismo e ao Sentimentalismo do Romantismo. Enquanto o Romantismo enfatizava a subjetividade e a emoção, o Realismo buscava retratar a realidade de forma objetiva, centrando-se na vida cotidiana e nos problemas sociais. Inspirado por gigantes da Literatura como Flaubert e Balzac, Eça adotou essa abordagem, utilizando sua literatura como uma forma de examinar e criticar a sociedade portuguesa. Seu compromisso com a verdade social e sua rejeição às idealizações românticas fizeram dele um pioneiro na introdução do Realismo em Portugal.

A importância desse renomado autor na literatura vai além de suas contribuições ao movimento realista. Ele foi um inovador na forma como abordou temas sociais e psicológicos, desafiando as normas literárias de sua época e abrindo caminho para uma nova forma de narrativa. Sua obra permanece relevante até hoje, não apenas como um retrato da sociedade portuguesa do século XIX, mas também como um exemplo de como a literatura pode ser usada para promover reflexão e mudança social. No entanto, Menezes (2010) destaca que Flaubert apresenta severas denúncias acerca da burguesia e seus valores, a partir da apresentação de um comportamento feminino que destoava das normas de conduta impostas à mulher do século XIX; temática que será retomada no Realismo português, através de Eça de Queiroz.

A literatura realista e naturalista apresentava críticas sociais que revelavam o inconformismo dos autores, por esta razão não era aceita por alguns críticos da época. A afirmação da autora Menezes (2010) destaca a natureza crítica e o inconformismo dos autores realistas e naturalistas, especialmente Flaubert e Eça de Queiroz. Essa crítica se manifesta na denúncia dos valores burgueses e na representação de personagens femininas que desafiam as normas sociais da época.

Nos seus romances, Eça de Queiroz demonstra uma habilidade única para combinar crítica social com uma narrativa envolvente e bem estruturada. Em *Os Maias*, considerado por muitos sua obra-prima, Eça oferece uma visão panorâmica da sociedade portuguesa de Lisboa, abordando temas como o declínio da aristocracia, a corrupção política e a decadência moral. Através de personagens complexos e situações intrincadas, Eça constroi um retrato vívido e detalhado de uma sociedade em crise, onde os valores tradicionais estão sendo desafiados por novas forças sociais e culturais.

Durante o final do século XIX Portugal era marcado por instabilidade política e social, Eça de Queiroz emergiu como um crítico social incisivo. Suas obras, reflexo das tensões da época, exploram as contradições da sociedade portuguesa, convidando o leitor a refletir sobre as implicações morais das ações humanas. Ao romper com as idealizações românticas e abraçar

a verdade social, Eça transformou a Literatura Portuguesa, inaugurando um novo capítulo e consolidando-se como um dos maiores expoentes do Realismo em Portugal. É nesse contexto de crítica social e análise profunda da sociedade portuguesa que se insere *O primo Basílio*, obra que desvenda as hipocrisias e contradições da vida burguesa, especialmente no que tange à representação feminina e às imposições sociais que limitavam as mulheres da época.

Em *O primo Basílio*, Eça de Queiroz detalha sobre a vida burguesa lisboeta escancarando suas inconsistências e dissimulações, como observa Menezes (2010, p. 7), o artifício queirosiano, ao longo da narrativa, é a denúncia, de modo que se torne possível repensar o funcionamento da sociedade, dos seus princípios morais, limitações e convenções mediante a leitura literária. Luísa, aprisionada em um casamento monótono, busca escapismo e paixão em um caso extraconjugal com Basílio. Através dessa trama, Eça tece uma crítica intensa à superficialidade das relações sociais, à busca por prazeres efêmeros e à fragilidade das convenções morais. A obra, portanto, transcende a mera narrativa, convidando o leitor a refletir sobre a decadência dos valores tradicionais e a ascensão de uma burguesia ávida por status e satisfação pessoal.

A representação feminina na obra de Eça transcende a mera narrativa, convidando a uma análise profunda do arquétipo da mulher na sociedade portuguesa do século XIX. Como destaca Menezes (2010):

[...] comprehende uma análise de personagens femininas do referido romance realista. O aspecto em que se evidencia acentuadamente a crítica, nessa obra, é a composição dessas personagens cujo modo de vida se constitui firmado em imposições de comportamento que limitam suas possibilidades de desenvolvimento enquanto seres humanos e, logicamente, sociais (Menezes, 2010, p. 5).

Luísa, a protagonista, personifica a complexidade e as contradições do papel feminino, oscilando entre a submissão às convenções sociais e a busca por liberdade e paixão. Sua trajetória revela as limitações impostas às mulheres da época, aprisionadas em casamentos monótonos e sufocantes, buscando por escapismo em um contexto de moralidade rígida. A obra, portanto, serve como uma síntese da condição feminina, desvendando as tensões entre o ideal romântico da mulher virtuosa e a realidade de suas paixões e desejos reprimidos.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O primo Basílio, publicado em 1878, é um dos romances mais representativos do Realismo em Portugal. A obra de Eça de Queiroz apresenta uma estarrecida crítica à sociedade da cidade de Lisboa da época, explorando temas como adultério, hipocrisia social e a condição

feminina. O romance se destaca pela profundidade psicológica das personagens e pela ironia do narrador, que expõe as contradições da burguesia da cidade de Lisboa com um olhar crítico e impiedoso.

A trama gira em torno de Luísa, uma jovem burguesa casada com Jorge, um engenheiro que, ao viajar a trabalho, deixa a esposa sozinha em casa. Durante sua ausência, Luísa reencontra Basílio, um primo que havia sido seu primeiro amor quando mais nova. Seduzida pelas promessas românticas do amante, ela se entrega a um relacionamento extraconjugal. No entanto, a relação entre os dois é marcada pela ilusão e pelo desprezo, pois Basílio vê Luísa apenas como mais uma conquista passageira.

O adultério, porém, não passa despercebido: Juliana, a criada da casa, descobre o caso e chantageia sua patroa, submetendo-a a uma tortura psicológica intensa. Sem saída, Luísa adoece e morre pouco depois do retorno de Jorge, que, acredita que a esposa morreu de fraqueza e excesso de sensibilidade. Basílio, por sua vez, continua sua vida sem qualquer remorso, demonstrando o vazio moral de sua classe social.

O Primo Basílio tem lugar de destaque na obra de Eça de Queirós, sendo um romance de tese que aborda o adultério e o núcleo da família que é o casamento, por interesse, mero acaso como é o encontro de Jorge e Luísa, e onde a única saída para a mulher da alta sociedade, que passa os dias no ócio, a sonhar e a ler romances setimentaloides. (Morais, 2010, p. 4)

Para Morais (2010) o romance nos convida para uma reflexão sobre *O primo Basílio* nos convida a realizar uma reflexão aprofundada sobre a obra, no contexto do Realismo português. Ao classificá-la como um romance de tese, o autor destaca a intenção de Eça de Queiroz em utilizar a narrativa como um instrumento de crítica social, transcendendo a mera representação de eventos ficcionais. A escolha do adultério como tema central, longe de ser um banal recurso melodramático, configura-se como uma estratégia para dissecar as complexidades do casamento burguês e suas incongruências.

A menção ao casamento por interesse remete à desmistificação da instituição matrimonial, que, no Realismo, é despida de sua aura romântica e exposta em sua crueza. A relação entre Jorge e Luísa, marcada pela ausência de paixão e pela rotina enfadonha, ilustra a crítica à superficialidade dos laços conjugais na alta sociedade. A condição da mulher, por sua vez, é abordada com nuances, revelando a opressão velada sob a aparente liberdade. A leitura de romances sentimentais, longe de se reduzirem a simples atividades de entretenimento, revelam-se como sinais da alienação das mulheres, que encontram abrigo em fantasias idealizadas em meio à escassez de oportunidades e à insatisfação com a realidade.

A obra de Eça, portanto, transcende a genuína representação do adultério, configurando-se como um estudo de caso da decadência moral da burguesia e da opressão feminina. A narrativa, carregada de ironia e sarcasmo, expondo as contradições da sociedade de Lisboa, convidando o leitor a refletir sobre os mecanismos de poder e as desigualdades sociais que permeiam as relações humanas. A análise de Morais (2010) evidencia a relevância de *O primo Basílio* como um marco do Realismo português, que, ao desmistificar as idealizações românticas, inaugura uma nova forma de representação da realidade na literatura.

O projeto estético de Eça de Queiroz em *O primo Basílio* está intrinsecamente ligado à sua adesão ao Realismo/Naturalismo, movimento que buscava romper com as idealizações românticas e retratar a realidade de forma crua e objetiva. Inspirado por autores como Flaubert, Eça pretendia desvendar as mazelas da sociedade burguesa lisboeta, expondo sua decadência moral e os mecanismos que oprimiam os indivíduos, em especial as mulheres. O adultério, tema central da obra, é tratado de forma prosaica e vulgar, desprovido de qualquer romantismo ou idealização, revelando a hipocrisia e a superficialidade das relações humanas.

Lisboa como Espaço Narrativo

A escolha de Lisboa como cenário do romance não é aleatória. A cidade, nesse período, passava por um processo de modernização e comparava a influência europeia com costumes ainda enraizados no passado. Eça utiliza Lisboa quase como um personagem, representando uma sociedade que se espelha na França e na Inglaterra, mas que, ao mesmo tempo, mantém estruturas arcaicas e conservadoras. Essa dualidade é crucial para a crítica do autor, que expõe a superficialidade da burguesia portuguesa, ávida por imitar os modelos estrangeiros, mas incapaz de abandonar suas tradições conservadoras. O espaço burguês da casa de Luísa simboliza o confinamento e a opressão feminina, enquanto as ruas e os cafés são territórios masculinos, reforçando a desigualdade entre os gêneros.

A reflexão de Menezes (2010) acerca da elite de Lisboa, que permanece atrelada às glórias coloniais do passado e de costas para o futuro, repercute com a crítica de Eça, revelando uma sociedade que se apega a um passado repleto de glórias, mas que demonstra uma clara incapacidade de se adaptar às mudanças do presente. Essa mentalidade conservadora e retrógrada se manifesta na rotina superficial e vazia dos personagens, que se entregam aos prazeres efêmeros e às aparências, sem se importar com questões mais significativas. O cenário dos encontros extraconjugais entre Luísa e Basílio, representa um espaço tanto de prazer quanto de transgressão, mas também de decadência moral, simbolizando a subversão dos valores tradicionais e a busca desesperadora por prazeres físicos. Dessa forma, Lisboa torna-se um

reflexo da sociedade portuguesa do século XIX, expostas suas contradições, vícios e decadência, em uma crítica social que ainda transpassa nos dias de hoje.

O Narrador e sua Voz

No romance *O primo Basílio*, Eça de Queiroz elabora um narrador que desempenha um papel central na construção das críticas e problemáticas abordadas na obra. Como se verá, trata-se de um narrador evidentemente masculino, onisciente, intrusivo e em terceira pessoa, que não apenas descreve os acontecimentos, mas também orienta a interpretação do leitor por meio de comentários irônicos e avaliações morais sobre as personagens e suas ações.

Na obra analisada, o narrador frequentemente assume um tom sarcástico e moralizador, especialmente ao tratar da protagonista Luísa e da personagem de Leopoldina. A infidelidade de Luísa, por exemplo, é narrada com um olhar condenatório, reforçando a crítica à mulher burguesa idealizada, do lar e ingênua que se desvia dos padrões morais da época. Leopoldina, por sua vez, é retratada como uma mulher desinibida e libertina, servindo como um contraponto à ingenuidade de Luísa, mas igualmente enquadrada dentro de uma moralidade que a desqualifica. A voz narrativa impõe ao leitor uma interpretação específica dos fatos, sem abrir espaço para que as personagens tenham uma certa autonomia discursiva.

Para assimilar melhor o funcionamento dessa narrativa e a posição do narrador dentro da obra, é pertinente recorrer à concepção teórica de Mikhail Bakhtin sobre o narrador, que oferece uma perspectiva aprofundada sobre o papel dele no romance.

Bakhtin apresenta o narrador como uma figura que opera em um espaço de polifonia e plurilinguismo, onde diferentes vozes e discursos coexistem, segundo mostra Barbosa (2012):

Bakhtin, em “O discurso no romance”, tenta dar uma explicação, em outro nível e com outros termos, do sentido e da concretude do plurilinguismo e da bivocalidade no discurso romanesco, recorrendo novamente a uma analogia entre os discursos reais do cotidiano (do mundo da vida) e sua representação literária (o mundo da cultura) (2012, p. 48).

O autor busca entender como o plurilinguismo e a bivocalidade funcionam nos romances, analisando a relação entre os discursos do dia a dia e sua representação na literatura. Essa análise nos ajuda a observar como a linguagem do romance não só reflete, mas também reorganiza as vozes sociais e ideológicas de uma época específica. No caso de *O primo Basílio*, o narrador tem um papel crucial nesse processo, pois sua interferência constante não só guia a interpretação do leitor, mas também traz um discurso que carrega valores patriarcais. Assim, as personagens femininas não têm total autonomia para se expressar, já que seus pensamentos e

ações são moldados por uma perspectiva moralizadora e conservadora, que reforça estereótipos de gênero e a dominação masculina.

Essa característica é visível através da manipulação das várias perspectivas das personagens, resultando em uma narrativa rica em diálogos e opiniões distintas. O narrador se envolve com a multiplicidade de vozes, refletindo a complexidade das relações e do ambiente social no qual as personagens estão inseridas. Além disso, a ideia de proximidade e distanciamento entre o autor, o narrador e as personagens, proposta por Bakhtin, ressoa no romance. O narrador mantém uma certa distância das personagens, mas ao mesmo tempo proporciona uma visão introspectiva de seus pensamentos e motivações. Essa quase impessoalidade do narrador permite que Eça faça uma crítica social incisiva, o que está de acordo com a perspectiva de Bakhtin sobre a função do narrador como mediador de vozes sociais e ideológicas.

A inquietude entre objetividade e subjetividade também é uma dimensão importante na análise. Para Bakhtin, o narrador não é uma voz neutra; suas escolhas narrativas são carregadas de ética e intenção. No romance, a presença do narrador vai além do mero relato, incorporando uma crítica moral às ações das personagens e explorando temas como adultério e hipocrisia social. Assim, o autor utiliza essa voz narrativa em vários momentos, ironicamente para criticar o atraso sociocultural de Lisboa para tecer um comentário sobre a sociedade de seu tempo, refletindo a visão bakhtiniana de que a narrativa é sempre uma construção situacional e contextualizada.

A complexa relação entre autor e narrador, conforme Bakhtin explora, ganha contornos nítidos na estrutura narrativa de *O primo Basílio*. Longe de ser um mero relator dos fatos, o narrador, embora distinto das vozes das personagens, tece sua própria perspectiva através da seleção e apresentação dessas falas. Essa orquestração discursiva não apenas expõe as ações dos personagens, mas também as submete a um escrutínio moral implícito, desvendando as motivações e consequências de suas escolhas. Essa dinâmica dialógica entre a voz do narrador e as vozes das personagens, ecoando as ideias bakhtiniana sobre a interação discursiva, eleva a narrativa a um patamar estético mais profundo. O narrador da obra se revela um elemento crucial na construção do significado, atuando como um mediador que articula uma crítica social pungente, característica marcante da obra de Eça de Queiroz.

Por sua vez, o tipo de abordagem narrativa e o efeito sugerido ao leitor a respeito dos devaneios das protagonistas são realizados de modo bem semelhante e sempre com apontamentos do narrador. Como aponta a teórica Lucianne Michele de Menezes “[...] o tipo de abordagem narrativa e o efeito sugerido ao leitor a respeito dos devaneios das protagonistas são

realizados de modo bem semelhante e sempre com a interferência do narrador.” (Menezes 2010, p.39) essa intervenção constante impede que as personagens desenvolvam plenamente suas subjetividades, pois suas reflexões e sentimentos são sempre mediados por um discurso superior que os enquadra e avalia.

Dessa maneira, os momentos de introspecção, longe de serem expressões autênticas das personagens, tornam-se mais um instrumento do narrador para reforçar sua crítica moral e social. Essa interferência é marcada por valores ideológicos que refletem uma visão de mundo machista, especialmente no modo como o narrador retrata as figuras femininas da obra.

O narrador retrata Luísa com um olhar que oscila entre a admiração por sua beleza e uma condenação severa por sua infidelidade, revelando uma certa dualidade da percepção feminina na sociedade. Ela vive um conflito interno entre o anseio por amor e a culpa imposta pelas convenções sociais, ilustrando como sua voz, embora apaixonada e desesperada, é limitada pelas expectativas de um mundo que a trata tanto como uma heroína quanto como uma vilã.

Em oposição a Luísa, Leopoldina representa a desobediência dos valores sociais impostos às mulheres de sua época. À medida que Luísa busca corresponder ao ideal da esposa submissa, dedicada ao lar, Leopoldina encarna uma mulher que se apropria de seu corpo, de seu prazer e de sua liberdade, mesmo que isso a torne alvo de críticas e exclusão. A sua figura é cercada por julgamentos morais, sendo constantemente associada ao escândalo, à vulgaridade e ao desejo indomado. A discordância entre Leopoldina e Luísa revela, portanto, o conflito entre o feminino domesticado e o feminino subversivo em um embate entre o silêncio imposto e a liberdade desejada.

O que surge, então, é uma visão crítica da condição feminina, na qual suas identidades são moldadas por um ambiente social que não acolhe a individualidade. Luísa, ao buscar liberdade e amor, entra em conflito não apenas com as normas, mas também consigo mesma, ao não compreender exatamente o que está se passando em seus pensamentos, sobre os desejos que emergem sob sua pele. Através dessas vozes femininas em contraste, a narrativa não apenas revela os limites impostos às mulheres, mas também escancara as tensões e possibilidades dentro do próprio sistema patriarcal.

As Vozes Femininas

Embora *Eça* apresente personagens femininas complexas, é essencial problematizar a forma como essas vozes foram construídas por um autor masculino dentro de uma perspectiva realista. Luísa, a protagonista, é retratada como ingênua e fraca, sendo dominada tanto pelo desejo quanto pela culpa. Sua subversividade é punida de forma extrema, reforçando uma visão

patriarcal da mulher adúltera como figura trágica. Por outro lado, Leopoldina, sua amiga, é descrita de maneira oposta: libertina, consciente de seus desejos e sem escrúpulos.

Não há dúvidas, de que a mulher burguesa na obra queirosiana tem certo destaque que a distingue das outras mulheres da sociedade, por outro lado, na medida em que as suas dificuldades cotidianas vão sendo apresentadas, vê-se que não é só a mulher burguesa que se torna vitimada, mas todas as mulheres retratadas em seus romances assumem um papel subalterno dentro dessa sociedade portuguesa oitocentista, independente do status social a qual pertencem (Sousa, 2015, p.130).

A análise feita por Sousa (2015) apresenta um argumento importante sobre um aspecto essencial da obra de Eça de Queiroz: a subalternidade das mulheres, que ultrapassa as fronteiras de classe social. Embora a personagem Luísa, uma mulher burguesa, tenha um papel central na narrativa, suas lutas e restrições evidenciam que a opressão feminina representa um problema estrutural na sociedade portuguesa do século XIX.

As vozes femininas da obra compõem um retrato complexo da condição da mulher na sociedade burguesa de Lisboa do século XIX. Mesmo sendo personagens criadas sob um olhar masculino, é possível perceber, por meio de suas trajetórias, os efeitos da cultura patriarcal na formação da identidade feminina. A obra expõe os limites impostos às mulheres, oferecendo ao leitor contemporâneo a possibilidade de leituras críticas que revela os mecanismos de opressão que as aprisionam social e subjetivamente.

A personagem Luísa, por exemplo, representa a mulher que internalizou os valores patriarcais. Sua criação romântica, voltada ao ideal de pureza, docura e dependência, faz com que ela se torne prisioneira das expectativas alheias. Como destaca Maureen Murdock (2022), quando as mulheres se enxergam apenas pela lente masculina e se avaliam de acordo com os valores de uma cultura definida pelos homens, acabam se sentindo deficientes, apagando suas próprias vozes e obscurecendo sua essência. Luísa busca o amor e o desejo como formas de preencher um vazio existencial, mas termina punida por essa tentativa. Assim como Eva, Luísa é condenada por desejar o que lhe foi negado: autonomia, prazer e liberdade.

A história de Eva, moldada pela tradição patriarcal, é um símbolo poderoso dessa lógica de culpa atribuída à mulher que deseja. Segundo Merlin Stone (2022), a narrativa bíblica da criação serviu historicamente para justificar a inferiorização da mulher e sua submissão ao homem. A própria estrutura do mito cristão desloca a origem da mulher para depois do homem e a vincula ao erro, ao pecado e à necessidade de redenção.

Já Leopoldina, se passa por um outro tipo construção de feminina, aquele que se afirma pelo corpo, pela beleza e pelo desejo. Seu comportamento transgressor incomoda, pois escapa do modelo de domesticidade ideal. Merlin Stone (2022) salienta em *Quando Deus era mulher*, que antes do advento das religiões patriarcais, o feminino era reverenciado em diversas culturas por meio de deusas associadas à fertilidade, à sexualidade e ao poder criador. A substituição dessas figuras por um deus único e masculino apagou o valor simbólico das mulheres, associando o prazer e a liberdade feminina à perversão ou ao erro.

Dessa forma, tanto Luísa quanto Leopoldina expressam formas distintas de lidar com o mesmo sistema de opressão. Suas vozes revelam as ambiguidades da experiência feminina: enquanto Luísa tenta seguir o caminho idealizado e fracassa, Leopoldina afronta esse ideal e é reduzida a uma caricatura de futilidade. No entanto, como destaca Murdock (2022) em *A jornada da Heroína*, as mulheres que tentam se moldar à imagem masculina terminam ferindo sua essência, e aquelas que a reivindicam são frequentemente rejeitadas ou silenciadas.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho de pesquisa bibliográfica se dedica à análise aprofundada das personagens femininas Luísa e Leopoldina no romance *O primo Basílio*, de Eça de Queiroz, com o objetivo de desvendar as complexas representações sociais do feminino e a crítica social subjacente à obra. A metodologia de pesquisa inicia-se com uma leitura minuciosa do romance, focando nas interações, características e discursos das personagens, complementada por anotações detalhadas sobre suas ações, falas e pensamentos. A análise do contexto social e histórico em que Luísa e Leopoldina estão inseridas é crucial, explorando as estruturas de poder do patriarcado e do androcentrismo. A seguir, indicaremos e descreveremos nossas principais fontes teóricas, através de breves sínteses analíticas de cada uma.

Mitocritica e Mitologia do Feminino

A pesquisa contemplará a mitologia do feminino, explorando seus arquétipos e analisando como esses se manifestam nas personagens, dialogando com as representações sociais da época. A mitocrítica será utilizada para examinar os mitos de Eva e Lilith, visto que ela parte do pressuposto de que os mitos exercem uma influência profunda na forma como percebemos e interpretamos o mundo, e que essa influência se manifesta de diversas maneiras nas obras literárias. De acordo com Araújo e Almeida: “[...] a mitocrítica, domínio preferencial do literário, se debruça sobre o mítico, quer ele esteja patente ou latente, nas suas mais variadas facetas (mitemas, mitologemas etc.) no interior dos textos literários e poéticos [...]” (Araújo;

Almeida, 2018, p. 21) buscando suas manifestações nas personagens e sua contribuição para a construção das representações sociais do feminino.

A análise mitocrítica nos ajuda a desvendar as camadas profundas dos significados atribuídos às personagens femininas, revelando como os mitos de Eva e Lilith influenciaram a construção social do feminino na obra analisada. Além disso, essa pesquisa busca relacionar as representações encontradas no texto literário com o contexto histórico e cultural em que foi produzido, a fim de compreender as complexas relações entre literatura, mito e sociedade.

Para aprofundar a análise da mitologia do feminino, a pesquisa se baseia em obras teóricas que exploram os arquétipos e representações das deusas e figuras femininas em diferentes culturas e épocas. A começar pela obra *Quando deus era mulher* (2022), de Merlin Stone, será fundamental para compreender a importância das deusas na história e como o patriarcado apagou essas figuras. *O livro de Lilith* (2017), de Barbara Black Koltuv, que irá nos permitir explorar a figura de Lilith como um arquétipo do feminino independente e transgressor, desafiando as normas patriarcais. *O corpo da deusa* (1998), de Rachel Pollack, nos auxilia a compreender a conexão entre o corpo feminino e a divindade, explorando a simbologia e os significados atribuídos ao corpo das deusas. *As deusas e a mulher* (1990), de Jean Shinoda Bolen, nos fornecerão um panorama dos diferentes arquétipos de deusas e como eles se manifestam na psicologia feminina, auxiliando na análise das personagens. Temos também como base da pesquisa a obra *A jornada da heroína: A busca da mulher para se reconectar com o feminino* (2022), de Maureen Murdock analisando a separação dos padrões patriarcais, a descida ao submundo para enfrentar a sombra, a recuperação do feminino perdido. Por fim, *Mulheres e Deusas* (2018), de Renato Nogueira, que ao discutir a presença e o significado de figuras femininas em diferentes mitologias, contribui para a compreensão da diversidade de representações do feminino e como essas se relacionam com as estruturas sociais e culturais.

Teoria do Romance de Bakhtin

A teoria do romance de Bakhtin será integrada, explorando conceitos como dialogismo, polifonia e heterodiscursos para analisar a estrutura narrativa e as interações entre as personagens. Mikhail Bakhtin, em suas análises sobre o romance, destaca a polifonia e o dialogismo como características essenciais do gênero. Em *O primo Basílio* esses elementos se fazem presentes em forma de diferentes vozes sociais e perspectivas que interagem no enredo. O romance não apresenta uma única visão de mundo, mas sim um embate entre discursos, representando as tensões sociais e morais da época. A ironia e o realismo crítico de Queiroz reforçam essa multiplicidade de vozes, permitindo que a narrativa se construa a partir de

contrastos entre personagens como Luísa, Leopoldina, Jorge e Basílio, cujos discursos refletem hierarquias, desejos e hipocrisias da sociedade portuguesa do século XIX. Dessa forma, a perspectiva bakhtiniana contribui para compreender a obra como um romance que vai além da simples crítica moralista, abrindo espaço para um debate social mais amplo.

A análise intertextual examinará as relações entre *O primo Basílio* e outros textos literários, mitológicos e históricos, em contrapartida a análise dos discursos vem para identificar os discursos de poder, estereótipos de gênero e ideologias presentes no romance, incorporando os conceitos de poder e sexualidade. A argumentação será construída de forma clara e coerente, articulando as diferentes abordagens.

Voz Narrativa

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, centrada na análise do narrador e da voz narrativa, de Eça de Queiroz, à luz da teoria bakhtiniana. O estudo busca compreender de que maneira o narrador constrói a representação das personagens femininas e orienta a interpretação do leitor, enfatizando as marcas ideológicas presentes no discurso narrativo. Para isso, utiliza-se a metodologia de análise do discurso literário, com base nos estudos de Mikhail Bakhtin sobre o narrador no romance. Considera-se o narrador como um substituto composicional do discurso do autor, que pode se manifestar de forma impessoal ou assumir uma posição crítica e avaliativa em relação às personagens e aos acontecimentos narrados. Assim, o corpus da pesquisa será examinado a partir da identificação de trechos nos quais a voz narrativa intervém de maneira explícita, impondo julgamentos e direcionando a percepção do leitor.

Além disso, a análise leva em conta o conceito de bivocalidade e plurilinguismo, explorando como a narrativa incorpora diferentes discursos e vozes sociais, mesmo que de maneira hierárquica e desigual. A presença de valores machistas será observada a partir do modo como o narrador descreve e avalia as personagens femininas, especialmente Luísa e Leopoldina, estabelecendo relações com os discursos ideológicos predominantes na sociedade oitocentista. Por fim, a pesquisa dialoga com estudos críticos sobre *O primo Basílio*, como os trabalhos de Menezes (2010) e Brandão (2012), para aprofundar a interpretação do narrador e de suas implicações na construção da crítica social da obra.

Sociologia da Literatura de Antonio Candido

Ao compreender *O primo Basílio* a partir da perspectiva bakhtiniana do romance como um espaço de múltiplas vozes e embates discursivos, é possível ampliar essa análise ao considerar a relação entre literatura e sociedade, conforme discutida por Antonio Candido. Se

Bakhtin evidencia a dimensão dialógica do romance, Candido ressalta seu papel como expressão e agente das estruturas socias teóricas e utilizando exemplos do romance.

A relação entre literatura e sociedade, conforme discutida por Antonio Candido, é essencial para compreender *O primo Basílio*, como uma obra, que não apenas reflete, mas também problematiza as estruturas sociais de sua época. Candido argumenta que a literatura possui um caráter estruturante na formação do imaginário coletivo, sendo ao mesmo tempo produto e agente das relações sociais.

A metodologia adotada neste estudo permite uma análise aprofundada das personagens femininas Luísa e Leopoldina, articulando diferentes abordagens teóricas para investigar as representações sociais do feminino e a crítica social presente na obra. A combinação da leitura minuciosa do romance, a análise contextual e a mitocrítica possibilitam uma compreensão mais ampla das influências culturais e ideológicas que moldam as personagens. Além disso, a perspectiva bakhtiniana, ao evidenciar o caráter dialógico e polifônico do romance, contribui para situar a narrativa dentro de um embate discursivo mais amplo.

A intertextualidade e a análise dos discursos complementam essa investigação ao relacionar *O primo Basílio* com outros textos e com as estruturas de poder vigentes na sociedade oitocentista. Dessa forma, a metodologia empregada não apenas viabiliza a interpretação crítica do romance, mas também reforça a importância da literatura como espaço de questionamento e representação das relações sociais. Por fim, a reflexão teórica de Antonio Candido sobre a relação entre literatura e sociedade fundamenta a compreensão do romance não apenas como reflexo de sua época, mas como um agente ativo na problematização das estruturas sociais.

4 DISCUSSÃO

Ao pensar a literatura como um sistema integrado à vida social, Antonio Candido afirma que ela organiza, amplia e enriquece a experiência humana ao apresentar, sob forma simbólica, os conflitos e contradições que atravessam as relações sociais. Além disso, ressalta Candido (2006), em *Literatura e Sociedade*, que tanto os valores quanto as técnicas de comunicação da sociedade influem na obra; sobretudo na forma e, através dela, nas suas possibilidades de atuação no meio. É com base nessa compreensão ampliada – que valoriza não apenas o conteúdo, mas também os recursos formais de enunciação – que se torna possível olhar para a obra de Eça de Queiroz como um retrato agudo da sociedade a qual ele observa, especialmente no que diz respeito às construções do feminino.

A voz narrativa em *O primo Basílio* não se apresenta como um mero relato dos fatos, mas como uma instância discursiva complexa, imersa e influenciada pelos próprios discursos

sociais que moldavam a sociedade descrita por Cândido. Essa voz, ao comentar, julgar e direcionar a leitura dos acontecimentos e das personagens femininas, ecoa e, por vezes, intensifica os preconceitos e as expectativas da época em relação à mulher. Assim, a análise do narrador à luz da teoria bakhtiniana permite compreender como os discursos sociais identificados por Cândido se materializam na própria estrutura narrativa do romance, influenciando a percepção e o destino de personagens como Luísa e Leopoldina.

Essa articulação entre a análise da sociedade portuguesa do século XIX, tal como delineada por Cândido, e a compreensão da voz narrativa à luz da teoria de Bakhtin, oferece um caminho promissor para desvendar as complexas representações da mulher em *O Primo Basílio*. Através da lente da crítica social e da análise discursiva, podemos investigar como o romance não apenas reflete, mas também questiona e problematiza as normas e os valores que definiam o papel da mulher naquela sociedade.

A representação do feminino, nesse romance, não pode ser dissociada da maneira como a voz narrativa opera. Considerando as contribuições da teoria do narrador e do romance, sobretudo a partir de Mikhail Bakhtin, comprehende-se que o narrador, ao contrário de ser uma instância neutra ou apenas técnica, é um agente produtor de sentido, profundamente imbricado nas ideologias do tempo. A narração em terceira pessoa, com tonalidade onisciente e intervenções avaliativas, funciona como um espaço de enunciação em que se condensam os discursos sociais vigentes. Assim, a voz narrativa não apenas descreve os personagens, mas os interpreta e os julga, mobilizando um repertório ideológico que espelha e tensiona os valores da sociedade oitocentista portuguesa.

No caso das figuras femininas, essa voz assume um papel ainda mais significativo. Ela não apenas dá forma às personagens, mas as molda à luz de concepções morais, afetivas e sociais sobre o que significa ser mulher. O discurso do narrador é, nesse ponto, uma materialização dos discursos sociais sobre o feminino, ora os reforçando, ora os expondo à ironia e ao escárnio. O julgamento das ações de Luísa, Leopoldina e Juliana, por exemplo, revela como esses discursos se entrelaçam, e como a ficção se torna um espaço de circulação e embate entre diferentes formas de entender o papel da mulher.

Importa destacar, nesse contexto, que a voz narrativa se confunde em diversos momentos com a própria voz autoral. Essa fusão não é simples ou transparente, mas ocorre de forma ambígua e deliberadamente estratégica. Como já foi apontado por estudiosos da obra queirosiana, o narrador de *O primo Basílio* ora assume uma postura crítica e satírica em relação à hipocrisia da sociedade burguesa, ora parece reproduzir os mesmos valores que denuncia, especialmente no tratamento dispensado às personagens femininas. É nesse jogo de vozes, entre

narrador, personagens e autor, que emerge um campo fértil para a análise dos juízos de valor presentes no texto. Esses juízos, ainda que por vezes sutis, revelam como o romance se constitui como um documento ideológico, como teoriza Bakhtin, no qual se inscrevem as tensões entre tradição e ruptura, norma e transgressão, discurso e contradiscurso.

Portanto, a análise do narrador, enquanto figura que articula e organiza os discursos sociais, é fundamental para a compreensão das representações do feminino em *O primo Basílio*. Ao mesmo tempo em que observa e denuncia os códigos morais de sua época, Eça de Queiroz deixa transparecer, pela mediação narrativa, os limites e ambiguidades do olhar masculino sobre o universo feminino. Essa ambivalência é o que torna o romance tão revelador, não apenas do contexto histórico em que foi produzido, mas também das formas como a literatura pode tensionar, criticar ou até reproduzir as ideologias que atravessam a sociedade.

A literatura, ao longo dos anos, tem sido um dos principais veículos de construção e perpetuação de mitos sobre o feminino. A abordagem da mitocrítica, enquanto método de análise literária, permite compreender como os textos reconfiguram arquétipos ancestrais e perpetuam ou subvertem narrativas sobre a mulher. Dentro dessa perspectiva, a dicotomia entre a mulher submissa e a mulher subversiva remete a mitos fundadores da cultura ocidental, como as figuras de Eva e Lilith.

De acordo com Koltuv (2017) Eva, na tradição judaico-cristã, é apresentada como a primeira mulher, criada a partir da costela de Adão e submissa à sua autoridade, Lilith emerge como um símbolo de insubmissão e liberdade, sendo frequentemente associada à transgressão e demonizada nos discursos religiosos e culturais. Na literatura, essa dicotomia se perpetua e é ressignificada, sendo possível observar como determinadas personagens são enquadradas dentro desses arquétipos para reforçar valores morais e sociais.

Na obra *O primo Basílio*, Luísa e Leopoldina são representações literárias dessa dualidade. Luísa, retratada como uma mulher frágil, ingênua e destinada ao ambiente doméstico, se assemelha à figura de Eva, cujo papel primordial é o de esposa e guardiã do lar. Sua infidelidade não rompe completamente com essa identidade, pois o narrador a conduz para um destino de punição e redenção, reafirmando sua condição de submissão. Já Leopoldina, ao contrário, encarna características associadas a Lilith: independente, desinibida e desafiadora das convenções morais. Seu comportamento é retratado com desaprovação, consolidando-a como um modelo de mulher transgressora, condenada pelo discurso patriarcal da narrativa.

Essa correlação entre mito e literatura evidencia como as representações do feminino, mesmo em um romance naturalista que se propõe a uma crítica social, ainda operam dentro de esquemas simbólicos que reforçam padrões patriarcais. A análise dessas personagens permite

compreender de que maneira a obra de Eça de Queiroz reitera e problematiza o papel da mulher na sociedade oitocentista, ao mesmo tempo em que dialoga com estruturas mitológicas que há séculos definem as fronteiras do aceitável e do condenável no comportamento feminino.

A partir dessa perspectiva, a análise de Luísa como representação de Eva evidencia sua associação ao arquétipo da mulher domesticada e subordinada, consolidando um discurso que reforça a fragilidade e a dependência femininas. A personagem Luísa, é construída dentro do ideal feminino patriarcal que associa a mulher ao lar e à fragilidade emocional. Sua caracterização remete diretamente ao arquétipo de Eva, a mulher que, embora seja o centro do ambiente doméstico, permanece dependente, ingênua e suscetível à influência externa. Desde o início do romance, Luísa é descrita como uma esposa dedicada, cuidadosa com a casa e devotada ao marido:

Mas Luísa, a Luisinha, saiu muito boa dona de casa; tinha cuidados muito simpáticos nos seus arranjos; era asseada, alegre como um passarinho, como uma passarinha amiga do ninho e das carícias do macho; e aquele serzinho louro e meigo veio dar à sua casa um encanto sério. (Queirós, 2020, p.09)

A metáfora utilizada pelo narrador, que a compara a uma "passarinha amiga do ninho e das carícias do macho", reforça sua posição de submissão e apego ao espaço doméstico, colocando-a dentro da esfera do feminino aceitável sob a lógica patriarcal. Essa construção encontra aspectos paralelos na crítica de Maureen Murdock “As mulheres costumam ser retratadas em nossa sociedade como distraídas, volúveis e emotivas demais para dar conta do recado” (Murdock, 2022, p.27) que aponta como a mulher, ao ser percebida como volúvel, distraída e emotiva, tem sua identidade reduzida à dependência e à fragilidade. No caso de Luísa, sua própria inconstância sentimental e sua falta de autonomia são representadas como justificativas para seu destino trágico.

O romance sugere que sua infidelidade não decorre de um desejo consciente de ruptura, mas de uma fraqueza de caráter, resultado de sua imaturidade e suscetibilidade às ilusões românticas. Assim, sua figura reafirma a visão patriarcal que desqualifica a mulher como sujeito autônomo, atribuindo-lhe um papel passivo na estrutura social.

Ao longo da narrativa, o castigo imposto a Luísa reitera essa lógica, punindo sua transgressão e reafirmando a necessidade de submissão feminina. A idealização inicial da personagem como esposa exemplar entra em contraste com sua queda moral, e o desfecho reforça a lição de que a mulher que ultrapassa os limites impostos pelo patriarcado deve ser corrigida ou eliminada. Dessa forma, *O primo Basílio* também ecoa uma tradição simbólica

que, desde a figura de Eva, constrói o feminino como um território de desejo e perigo, sempre sob a vigilância e o controle do olhar masculino.

A construção simbólica da figura de Eva, como a mulher derivada do homem e subordinada à sua autoridade, serviu historicamente como um molde para o ideal feminino dentro das culturas patriarcas. Esse modelo se reflete na personagem Luísa, cuja identidade está profundamente enraizada na busca por aprovação e pertencimento dentro dos limites impostos pela moral burguesa do século XIX. Luísa vive para corresponder às expectativas do marido, da casa e da sociedade, funcionando como reflexo perfeito de um certo padrão “mulher ideal”, tal como Eva foi concebida, Pollack (1998).

De acordo com a mais difundida interpretação deste mito, Eva saiu de Adão, por isso deve demonstrar-lhe a devida subserviência: voltada ao cuidado do lar, doce, obediente e passiva. Luísa personifica essa visão ao ser retratada como a mulher ideal do lar, cuja felicidade e sentido de vida estão atrelados ao ambiente doméstico e à aprovação masculina. Sua fragilidade, passividade e desejo de ser amada fazem dela um reflexo da Eva patriarcal, uma mulher que não se reconhece como sujeito pleno, mas como um ser que precisa do outro para se validar. Apontando esses aspectos dessa mulher doce vista pelo olhar masculino Murdock nos ressalta:

Se as mulheres se virem através da lente masculina e se avaliarem de acordo com os padrões de uma cultura definida pelos homens, sempre acabarão se considerando deficientes ou carentes das qualidades que os homens valorizam. Elas nunca serão homens, e muitas que buscam ser “tão boas quanto os homens” estão ferindo sua natureza feminina (Murdock, 2022, p. 37).

A autora de *A Jornada da heroína* destaca um ponto central dessa lógica: quando as mulheres se enxergam a partir da lente masculina, passam a se medir por parâmetros que não as reconhecem em sua essência. É o que ocorre com Luísa, que não apenas se molda para se adequar ao papel esperado, mas também internaliza a ideia de que tudo que foge a esse papel como o desejo, a autonomia ou a ambição constitui uma falha ou uma ameaça, ao internalizarem os padrões estabelecidos por uma cultura dominada por valores masculinos, muitas mulheres passam a se perceber a partir de suas supostas ausências ou insuficiências, o que contribui para a desvalorização de sua própria identidade feminina.

Essa lógica se manifesta em Luísa, que se enxerga constantemente a partir da perspectiva do outro, seja o marido, o amante ou a sociedade e constrói sua autoestima a partir dessa validação externa. Sua identidade se organiza não pelo reconhecimento de sua autonomia ou desejos próprios, mas pela tentativa de preencher expectativas que não a contemplam como

sujeito pleno. Sua busca por afeto fora do casamento não representa exatamente uma rebeldia consciente, mas sim uma tentativa equivocada de preencher um vazio emocional gerado por esse processo de autonegação. Assim, a personagem acaba por reforçar, mesmo em sua transgressão, o ciclo de dependência e culpa um ciclo que nasce, justamente, da visão masculina que dita o que é ser uma boa mulher.

Se Luísa remete à figura de Eva domesticada pelo olhar patriarcal, Leopoldina, por sua vez, evoca o arquétipo de Lilith, a primeira mulher criada, segundo as tradições da mitologia judaica medieval (apropriada pelos cristãos, à mesma época), que se recusou a se submeter à autoridade masculina, de acordo com Rachel Pollack,

Deus criou Adão e Lilith ao mesmo tempo, da mesma lama. (O nome Adão deriva do hebraico adama, que significa "terra"; similarmente, a palavra latina humanus deriva de húmus, "lama"). Outra versão da história contém o detalhe extremo de que, enquanto criou Adão da lama, Deus criara Lilith da sujeira e do excremento (Pollack, 1998, p.145).

A origem de Lilith, criada da mesma matéria que Adão, a lama ou, em versões mais radicais, da sujeira e do excremento, revela desde o início a tentativa de rebaixamento simbólico dessa figura feminina que recusou a subordinação. Ao rejeitar a posição inferior no ato sexual e exigir igualdade, Lilith rompeu com o papel de obediência que a cultura patriarcal esperava das mulheres. Esse gesto de insubmissão transformou-a, não em símbolo de liberdade, mas em ameaça. Da mesma forma, Leopoldina é construída como uma mulher que não se envergonha do próprio desejo e recusa os códigos morais impostos às demais personagens femininas,

Usava sempre os vestidos muito colados, com uma justeza que acusava, modelava o corpo como uma pelica, sem larguezas de roda, apanhados atrás. Dizia-se dela com os olhos em alvo: "é uma estátua, é uma Vênus!" Tinha ombros de modelo, de uma redondeza descaída e cheia; sentia-se nos seus seios, mesmo através do corpete, o desenho rijo e harmonioso de duas belas metades de limão; a linha dos quadris rica e firme, certos quebrados vibrantes de cintura faziam voltar os olhares acesos dos homens (Queiroz, 2020, p.17).

Leopoldina, ao ser descrita com tal riqueza de detalhes físicos, é construída não apenas como corpo, mas como imagem moldada pelo olhar masculino que a erotiza e a transforma em objeto de desejo. O narrador a compara a deusa Vênus atrelada a Afrodite, evocando diretamente a deusa do amor, da beleza e da sensualidade, reforçando a ideia de uma feminilidade que exerce poder por meio do corpo, do erotismo e do magnetismo. A figura de encontra ressonância nos arquétipos de Afrodite/Vênus, analisados por Jean Shinoda Bolen (1990) como representações do feminino ligado ao prazer, à sensualidade, à criatividade e à autonomia. Afrodite, deusa do amor e da beleza, não vive em função do outro, mas em função

de si mesma. Ela representa o arquétipo da mulher que vive intensamente seus desejos, sentimentos e expressões criativas, e que não se submete facilmente às normas patriarcais. Leopoldina, ao ser descrita por Eça de Queiroz com um corpo moldado para o olhar masculino "uma Vênus", com vestidos que modelam suas formas e despertam "os olhares acesos dos homens", encarna exatamente esse tipo de arquétipo: ela não se limita ao papel doméstico ou recatado que se espera das mulheres, mas ocupa o lugar da mulher desejada, livre e sedutora.

Segundo Bolen (1990), o arquétipo de Afrodite é muitas vezes temido em sociedades patriarcais por representar uma forma de poder feminino que escapa ao controle, assim como Lilith, que também se recusa a se submeter ao domínio masculino. Como Lilith, Leopoldina não é submissa nem passiva, e sua presença na narrativa funciona como contraponto à figura de Luísa, moldada segundo o arquétipo de Eva. Ambas são lidas a partir das lentes de uma sociedade patriarcal. Luísa é exaltada por sua docura e domesticidade, Leopoldina é reduzida a um corpo sedutor, associado ao pecado e à desordem moral. No entanto, ao olhar através dos arquétipos propostos por Bolen, é possível resgatar em Leopoldina não apenas a imagem da "tentadora", mas também da mulher inteira; que expressa sua potência criativa e erótica, como formas legítimas de existência e subjetividade feminina.

Se Afrodite representa o poder do desejo e da autonomia erótica, Lilith representa a mulher que reivindica seu lugar de igualdade, não apenas no corpo, mas também na palavra, na vontade e na liberdade de escolha. Leopoldina, ao se colocar à margem da moral burguesa e ao exercer sua sexualidade fora das convenções impostas, atualiza esse arquétipo transgressor. Seu comportamento e sua postura diante das normas sociais fazem dela uma encarnação moderna de Lilith, desafiando o papel feminino tradicional e enfrentando, ainda que de forma ambígua, o julgamento e a punição que a cultura patriarcal reserva às mulheres que ousam romper com o papel de Eva. Segundo Rachel Pollack, essa visão entre a dualidade dos dois arquétipos femininos acredita-se que:

Podemos considerar a história de Lilith e Eva (e sua irmã sem nome) simplesmente como uma fábula para manter as mulheres em seu lugar — ou como uma alusão a uma época em que as mulheres e os homens desfrutavam de igualdade. Para afastar essa igualdade e se certificar de que as mulheres aceitavam uma posição inferior como "natural" (Pollack, 1998, p.145).

A oposição entre Lilith e Eva pode ser lida, como aponta na perspectiva da autora, como mais do que um simples mito moralizante: trata-se de uma construção simbólica que buscou moldar o comportamento feminino a partir de paradigmas impostos. A visão de Eva como submissa (uma mera auxiliar que nasce da costela de Adão), em contraponto com a visão de

Lilith como aquela que foi rejeitada por recusar-se a obedecer, são operações de um discurso que exerce uma estratégia de controle social sobre o corpo e o desejo das mulheres.

Tal como Lilith, Leopoldina é associada ao descontrole, ao pecado e à degradação, não por suas ações em si, mas porque representa uma ruptura com o ideal feminino domesticado. Sua presença incomoda e transgrede, funcionando como uma contra imagem de Luísa: se uma encarna Eva, a outra, em sua potência disruptiva, evoca Lilith.

CONCLUSÃO

A análise de *O primo Basílio* permitiu constatar que as representações femininas no romance são moldadas pelos valores e tensões da sociedade portuguesa do século XIX. A partir da crítica social de Antonio Cândido e da teoria da voz narrativa de Bakhtin, foi possível observar que o narrador materializa os discursos sociais sobre o feminino, ora reforçando, ora problematizando os papéis tradicionais atribuídos às mulheres.

Eça de Queiroz constrói personagens femininas que não apenas refletem a moral burguesa, mas também revelam suas contradições e hipocrisias. A voz narrativa, próxima à do autor em muitos momentos, permite identificar uma crítica implícita às limitações impostas à mulher na sociedade de seu tempo. O estudo mostrou que a literatura atua como espaço de diálogo e resistência, trazendo à tona discursos sociais em disputa. Através da análise discursiva, foi possível compreender como o feminino emerge como um campo de tensões simbólicas no romance.

Portanto, as figuras de Eva e Lilith, projetadas nos personagens de Luísa e Leopoldina, não são meras coincidências de características, mas sim construções literárias que dialogam com as tradições mitológicas e as dinâmicas sociais do século. Eça de Queiroz, ao retratar essas mulheres em sua obra, não só constrói um retrato social da época, mas também coloca em cena a eterna luta entre os papéis preestabelecidos para as mulheres e as possibilidades de subversão ou adaptação a esses papéis. Esse entrelaçamento entre mito, história e literatura não apenas enriquece o romance, mas também propicia uma reflexão profunda sobre o papel da mulher, que segue reverberando nas discussões contemporâneas sobre gênero e poder.

Esse estudo mostrou que a literatura atua como espaço de diálogo e resistência, trazendo à tona discursos sociais em disputa. Através da análise discursiva, foi possível compreender como o feminino emerge como um campo de tensões simbólicas no romance. Sugere-se, para trabalhos futuros, aprofundar o estudo das relações entre gênero e discurso em outras obras de Eça de Queiroz. Também seria relevante investigar a construção do feminino em romances contemporâneos, comparando seus avanços e permanências em relação ao século XIX.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Alberto Filipe; ALMEIDA, Rogério de. Fundamentos metodológicos do imaginário: mitocrítica e mitanálise. 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora 34, 2021.
- BARBOSA, Everton. O narrador em Mikhail Bakhtin. In: BRANDÃO, Luís Alberto (Org.). *Respostas a Bakhtin*. Belo Horizonte, MG: FALE/UFMG, 2012.
- BOLEN, Jean Shinoda. *As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1990.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- KOLTUV, Barbara Black. *O livro de Lilith*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.
- LOPES, Óscar. *A literatura portuguesa: das origens ao século XIX*. 16. ed. Lisboa: Presença, 1996.
- MENEZES, Lucianne Michelle de et al. *Leitura e sociedade: um estudo de O primo Basílio, de Eça de Queirós*. 2010.
- NOGUEIRA, Renato. *Mulheres e deusas: o feminino nos mitos*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- POLLACK, Rachel. *O corpo da deusa: visões do corpo feminino na mitologia mundial*. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1998.
- QUEIROZ, Eça de. *O Primo Basílio*. São Paulo: Penguin Companhia, 2011.
- SOUZA, Marcio Jean Fialho. As faces da subalternidade feminina no Portugal oitocentista em *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós. *Muitas Vozes*, v. 4, n. 2, p. 129-136, 2015.
- STONE, Merlin. *Quando Deus era mulher*. 2. ed. São Paulo: Madras, 2022.